

José Lopes da Silva

# ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DE SAMUEL · I e II



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO  
DOCTRINA CATÓLICA**



**LIVRO DE SAMUEL · I e II**

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

**1ª EDIÇÃO**

**DIAGRAMAÇÃO**

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

**IMAGENS**

[pixabay.com.br](http://pixabay.com.br)

[pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)

# SUMÁRIO

.....

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE SAMUEL · I e II .....	5
Uma releitura exílica e pós-exílica.....	5
Contexto histórico .....	6
Estrutura do livro.....	8
Divisão do Livro .....	8
A importância de Samuel .....	8
Davi.....	11
Saul e a origem da monarquia.....	12
ESTUDO DO PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL.....	16
I - HELI E SAMUEL (1-7) .....	16
ESTUDO DO SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL .....	40
I - REINADO DE DAVI (1-20).....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

# INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE SAMUEL · I E II



Junto com o primeiro e o segundo livros dos Reis, os livros de *Samuel* contam a história da monarquia, isto é, do período histórico durante o qual Israel foi um estado independente (depois de Salomão: dois estados), desde a instauração da monarquia até o exílio da Babilônia. Recebem esse nome porque neles Samuel é um personagem-chave, mas não o seu autor. A obra está artificialmente dividida em duas partes, normalmente chamadas primeiro e segundo livros. Na terminologia moderna, seriam chamados primeira e segunda partes. Os livros dos Reis também constituíam um único livro na Bíblia hebraica.

A divisão tanto dos livros de *Samuel* como dos livros dos Reis em dois livros remonta à tradução grega, que também uniu *Samuel* e *Reis* sob um mesmo título: *Os quatro livros dos reinos*. A Vulgata denomina-os também *Quatro livros dos reis*. Essa divisão foi aceita na Bíblia hebraica somente no fim da Idade Média (1418).

As várias épocas da monarquia são distribuídas de modo muito desigual nos quatro livros.

## **Uma releitura exílica e pós-exílica**

As fontes da obra histórica deuteronomista tradicionalmente eram datadas da época monárquica antiga, não além do séc. VIII. Hoje os autores falam da época que precedeu imediatamente o exílio da Babilônia,

ou então que os complexos mais extensos teriam sido compilados durante esse exílio ou na época pós-exílica. Ainda que os textos tratem de uma temática antiga, é bastante claro que o horizonte dos redatores do Pentateuco, dos livros históricos e dos proféticos é principalmente exílico e pós-exílico. Esses livros refletem, antes de tudo, as fraturas que esse acontecimento trágico ocasionou para Israel, com a perda de sua independência política e o desaparecimento da dinastia que reinava mediante uma promessa divina (2Sm 7). Dessa nova situação, surgem problemas políticos e religiosos inusitados, sobretudo o aparecimento de uma teocracia.

Para o redator, a tradição bíblica não é equívoca: houve uma época em que Israel não fora governado por uma monarquia, e sim dirigido por uma liga de tribos. Trata-se, para ele, de uma época normativa, ideal sob muitos pontos de vista. A monarquia só teria sido introduzida posteriormente sob a pressão de acontecimentos políticos e militares concretos: a necessidade de resistir aos filisteus a oeste e aos vizinhos ameaçadores a leste.

### **Contexto histórico**

Trata-se de uma época vazia e atônica na política dos impérios. No Egito, à série cada vez mais débil dos Ramesidas sucedeu a XXI dinastia, que reina modestamente em Tanis enquanto a casta sacerdotal de Amon governa, de fato, em Tebas. A hegemonia dos egípcios sobre a Síria central e a Palestina não se extinguiu, mas se desintegrava cada vez mais. Na Mesopotâmia, o final do séc. XI é dominado pelo grande Teglatefalassar I da Assíria. Os arameus fundam e consolidam reinos na Síria oriental e chegam a usurpar o trono da Babilônia. Nesse compasso de silêncio podem atuar como solistas sobre o território palestino dois

povos relativamente recém-chegados: os filisteus e os israelitas.

A ameaça a que as tribos se viram expostas não veio dos antigos impérios do Nilo e da Mesopotâmia, nem dos estados periféricos da Transjordânia, nem dos nômades das margens do deserto, nem mesmo dos cananeus. Desses inimigos as tribos israelitas se haviam libertado sob a liderança dos juízes, chefes carismáticos vocacionados por Javé. A grande ameaça veio, dessa vez, dos *filisteus*.

Os filisteus, uma parte do movimento dos povos do mar, haviam avançado até o sul da planície litorânea palestinese na época de Ramsés III e de seus sucessores, e talvez tenham sido assentados ali como colônia militar egípcia. Quando o poder do Egito retrocedeu, restringindo-se à terra do Nilo, eles sentiram-se como sucessores naturais da dominação na Palestina. Começaram então a avançar para além do território de sua pentápole no litoral com o propósito de submeter ao seu controle o resto da região. Inicialmente, não precisavam se preocupar com nenhuma resistência militar séria. Seus príncipes dispunham de uma infantaria fortemente armada (1Sm 17,4-7) e, sobretudo, de comandantes aquinhoados com feudos em troca da obrigação de, junto com seus mercenários, prestar serviços militares a seu príncipe (1Sm 27,2-12; 29,1-11). Com isso, as forças filisteias superaram os contingentes recrutados do exército popular das tribos israelitas, que era de difícil mobilização.

Submeteram rapidamente a seu domínio a planície litorânea até o Carmelo. A situação tornou-se preocupante quando apareceram na região de Colinas (*Shefelá*). O lugar de concentração preferido de suas tropas era Afec (1Sm 4,1; 29,1). Dessa ameaça, que, em contraposição a perigos anteriores, já não era aguda e localizada, mas sim crônica, resultou a formação da monarquia israelita (1Sm 8-11).

## Estrutura do livro

Seguindo alguns elementos estruturais, tais como o capítulo sétimo do segundo livro de Samuel e a cronologia histórica dos relatos de Saul e Davi, podemos delinear a seguinte estrutura:

## Divisão do Livro

1Sm 1-3	Samuel em Silo
1Sm 4-6	Histórias da arca
1Sm 7-15	Samuel e Saul: a origem da monarquia
1Sm 16-2Sm 1	Saul e Davi
2Sm 2-6	O rei Davi
2Sm 7-12	Reino de Davi: promessa e pecado
2Sm 13-20	O reino de Davi: a revolta de Absalão
2Sm 21-24	Apêndices

## A importância de Samuel

Mais do que um simples filho gerado pelos pais, Samuel era fruto de uma oração e de uma promessa. O Senhor da vida demonstra o seu poder precisamente na debilidade, outorgando com sua palavra explícita uma fecundidade que o homem poderia considerar natural. Por isso, a oração de Ana ocupa um lugar central na narração. Uma romaria no princípio e outra no fim delimitam o capítulo primeiro.

O cântico de Ana, por sua vez, insere o nascimento e, portanto, toda a vida de Samuel no contexto das ações salvíficas de Deus. A narrativa quer ser histórica, a história das ações de Deus em favor de seu povo.

O capítulo 3 conta a vocação de Samuel, mas seu protagonista principal é a palavra de Deus. Aparece de modo negativo no início (vv.1 e 7), mas no final do capítulo já penetrou inteiramente na história.

Samuel será o seu mediador, mas é a própria palavra que cria este instrumento humano com seu chamado. A tríplice voz noturna ilumina um contraste: até então Samuel esteve sob as ordens de Heli, ouvia a sua voz; de agora em diante, ele escutará a voz do Senhor, para cumprir e transmitir as suas ordens.

Nesses capítulos iniciais, Samuel aparece como um homem que foi associado ao santuário desde sua infância. Ele cresceu e adquiriu experiência no serviço sacerdotal. Foi destinado a se tornar, na realidade, o verdadeiro sacerdote de Israel. Samuel é capaz desse ministério somente por meio da Palavra que lhe foi revelada. Nesse sentido, une o ministério sacerdotal à vocação profética. Ele se torna um líder espiritual de seu povo; isso significa que recebe ao mesmo tempo um encargo religioso e político. Não houve alguém como Samuel desde o tempo de Moisés. Josué era o sucessor de Moisés, mas nunca foi chamado de profeta ou de sacerdote. Aqui temos alguém que é mais do que Josué. É mais também do que os profetas posteriores, que proclamavam a palavra de Deus, mas permaneciam na periferia da vida do povo. Samuel une em sua pessoa os três múnus de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Por isso, Lc 2,52 descreve o crescimento de Cristo com as mesmas palavras usadas para o crescimento do menino Samuel (1Sm 2,26). O cântico de ação de graças da Mãe de Jesus usa também palavras que encontramos no cântico de Ana, mãe de Samuel.

*Sob o aspecto histórico*, Samuel é uma figura de transição. Pessoalmente está na passagem dos juízes para os profetas: une em si as qualidades e os deveres dos juízes, dos videntes e dos profetas extáticos; é o primeiro líder que não fala/age por iniciativa própria, mas está sempre debaixo do Espírito e da palavra de Javé. É o intermediário entre as intenções divinas e as expectativas humanas. Está concomitantemente em dois

períodos da história de Israel, isto é, na transição entre os juízes e os reis. A realeza é apresentada como sendo a vontade de Javé e do povo. Saul é ungido chefe por Samuel e sorteado por intervenção sua. Davi é ungido rei. Chefe e rei são, portanto, figuras carismáticas. Os reis do Norte conservarão este caráter carismático. No Sul, a monarquia de Davi será hereditária (cf. 2Sm 7). A realeza humana é reconhecida também por Samuel, que, de início, se lhe opusera. Compete a Samuel, último dos juízes, designar um rei por motivo do perigo filisteu.

*Sob o aspecto teológico*, Samuel transmite a antiga fé da realeza de Javé: o único salvador, protetor, governador do seu povo, o único libertador do Egito e guia no deserto. A partir dessa premissa teológica da realeza do Senhor, a realeza humana fica delimitada, condicionada e relativizada em múltiplos sentidos.

O próprio rei deve temer a Javé, escutar sua voz, observar o direito divino. Não é a instituição real enquanto tal que decide sobre a salvação ou condenação, mas a fidelidade individual do rei a Javé é decisiva. O rei é representante de Javé-rei somente após um longo período de comportamento fiel à aliança com os seus estatutos.

*No campo prático*, a contribuição cultural de Samuel consiste na descentralização do culto e na legitimação dos lugares elevados (Mizpa, Rama, Betel, Guilgal). No momento, essa não era uma solução falsa. Depois da construção do templo e com a reforma de Josias (622/21 a.C.), tal costume será radicalmente anulado. No setor querigmático, Samuel traça as grandes linhas da futura pregação profética (= o culto verdadeiro e a aliança; 1Sm 15,22s). Um campo no qual vemos os profetas em atividade desde o início é o da política. Samuel apoia Saul até a sua rejeição definitiva.

## Davi

Uma parte da obra narrativa sobre a ascensão de Davi surgiu originalmente de modo não uniforme, num longo processo de crescimento (2Sm 1-5). Nessa segunda fase da formação do Estado teriam sido desenvolvidos os pressupostos para o surgimento da historiografia israelita. De fato, há uma diferença fundamental entre o material de sagas a partir do qual o historiador tem de reconstruir a pré-história e a história primitiva de Israel e as narrativas disponíveis para reconstituir a época da formação do Estado e de períodos posteriores. No relato da sucessão de Davi ao trono, o historiador não depende mais do caminho indireto através da história da tradição, mas se vê de posse de fontes cujo valor historiográfico é bem superior aos monumentos literários da primitiva história de Israel. Isso quer dizer que a literatura histórica de Israel não caiu do céu, não surgiu da noite para o dia, mas foi desenvolvida a partir de possibilidades de pensamento histórico já existentes na época pré-estatal.

Davi é uma figura idealizada, formada pela história e pela lenda, pela memória e pela fantasia, sem que seja possível separar esses componentes. Provavelmente, muito cedo surgiram tradições divergentes sobre sua vida e sobre suas façanhas, que o autor dos livros de Samuel não pôde descartar nem conseguiu harmonizar. O Davi guerreiro e o Davi músico produzem duas versões de sua chegada à corte de Saul. O Davi pastor e o chefe militar se harmonizam em etapas sucessivas. A essas narrativas sobre Davi se foram sobrepondo novas variações ou complementos, segundo as condições históricas de seus sucessores ou a reflexão teológica das escolas que reelaboraram os textos já existentes. Assim, encontramos um Davi teólogo que, em meio à ação narrativa, revela em sábios discursos o sentido religioso dos fatos. Por trás das simplificações de um olhar

distante, por entre os ornamentos épicos e líricos, se entrevê uma vida cheia de aventuras que desemboca no trono e numa dinastia estável. Esse processo, pensam os autores, foi assumido e dirigido por Deus para salvar o seu povo. Assim, no emaranhado dos fatos surgem narrações esclarecedoras: a eleição de Natã referendando a nova monarquia. Esse modo de projetar no passado e no futuro mostram a visão superior dos autores bíblicos e sua tranquila certeza em interpretar os fatos. Em suas palavras se revela a salvação, que aos poucos se foi realizando nos fatos.

### **Saul e a origem da monarquia**

1Sm 8-11(12) apresentam duas versões discordantes da instituição da monarquia: uma negativa e a outra positiva. Segundo a primeira versão (1Sm 8,1-22a; 10,17-27; 11,12-14; como apêndice, o capítulo 12, a monarquia é uma veleidade do povo desconfiado e infiel a seu Deus e Salvador. O povo deseja imitar as nações vizinhas. Diante de tal desejo, Samuel reage defendendo a autoridade de Deus e acusando o povo. Israel deve aceitar o Senhor como seu único rei e confiar nele em sua vida política e militar. O profeta será o intermediário capaz de conhecer a vontade de Deus dirigindo a história. Renunciar a essa dependência é desconfiar do Senhor para confiar em instituições humanas. A monarquia se voltará contra o povo com suas exigências despóticas. Não seria exagero de Samuel? Pedir um mediador estável não é rejeitar ao Senhor.

A outra versão (1Sm 9,1-10,16; 11,1-11,15) olha a monarquia como uma inovação providencial, querida por Deus para endereçar por novas vias a história do povo. Em relação aos juízes o rei apresenta dois elementos novos: o princípio dinástico e a concentração e unificação do poder. O primeiro assegurou a continuidade. O segundo foi uma necessidade, como provaram os fatos recentes da vida do povo. O livro conta que Samuel

ungiu o novo rei, o povo o aclamou, e ele começou bem a sua tarefa.

Saul inaugurou o reino em Israel, mas um homem que tem por missão governar o povo de Deus deve ser animado pela graça de Deus, chamado por Ele, um instrumento em suas mãos. Isso Saul não consegue ser. A história do início do reinado apresenta também uma avaliação teológica sobre o sentido do reino em Israel. Somente o homem sobre o qual repousa o espírito do Senhor (cf. Is 11,2) pode ser rei em Israel. O primeiro rei é como um sinal apontando para a verdadeira função régia, mas também é um sinal que mostra como o homem pode se desviar dessa função e arruinar-se.

Naturalmente, o Estado de Saul não era uma criação profana. Javé era o Deus nacional. Não se pode dizer que houve uma ruptura com as tradições de Israel no período da formação da monarquia. O papel que se atribui a Javé na fundação da monarquia, sua iniciativa na eleição do rei, o íntimo relacionamento com o sistema carismático pré-estatal, ainda permitem percebê-lo claramente. De maneira geral, Saul não teve êxito no trato com as tradições religiosas de Israel. Mostram-no as tentativas, feitas em diversas épocas, de fundamentar teologicamente o fracasso de Saul: sua rejeição por Javé. Uma das razões para o princípio do fim de Saul é expressa pela consciência de Israel da seguinte forma: *O Espírito do Senhor retirou-se de Saul, e um espírito mau veio sobre ele* (1Sm 16,14s; 18,10-12; 19,9s). Isto significaria que as funções profanas da monarquia entraram em conflito com as tradições sacras de Israel e que Saul não esteve à altura do conflito. Tornou-se também evidente que o carisma não é um dom vitalício: como havia sido concedido, também poderia ser retirado, inclusive do rei.

As fontes literárias bíblicas de fato demonstram pouco interesse direto pelo primeiro rei de Israel. Só o mencionam para sustentar a

tese de que sua eleição constituiu um ato ímpio da parte do povo (1Sm 8.10,17-27), que assim rejeitava a soberania divina. Trata-se de um texto que serve de chave de leitura para dois outros capítulos, 9 e 11, mais antigos e originalmente favoráveis à eleição: no primeiro, temos um relato romanceado da designação de Saul pela mediação de Samuel, que cumpre uma ordem divina; no segundo, a primeira e decisiva vitória de Saul contra os amonitas a leste, ao libertar do assédio amonita a localidade de Jabes de Galaad, na Transjordânia. Após essa vitória, Saul teria sido aclamado rei pelo povo, revelando-se, assim, um chefe de cunho carismático. No texto bíblico atual, esse fato é visto apenas como um desenvolvimento da seção precedente, claramente antimonárquica e contrária a Saul. Além disso, fala-se de dele unicamente em função de Davi, a personagem em ascensão.

A segunda parte dos relatos sobre Saul coincide com a ascensão de Davi ao reino. Assim o primeiro é suplantado pelo segundo também do ponto de vista literário. No texto bíblico atual, temos uma narrativa filodavídica, em que a pessoa de Saul e seu relacionamento com Davi foram romanceados e dramatizados. O primeiro rei de Israel é apresentado como um personagem de tragédia grega: indigno, sem ser verdadeiramente culpado, perturbado em seu equilíbrio psíquico em consequência de acontecimentos que ultrapassaram sua capacidade de agir adequadamente. Ele aparece numa luta contínua com aquele mesmo Deus que o tinha escolhido e mais tarde o rejeitou. A sua substituição era, portanto, uma questão de tempo, sobretudo quando a pessoa destinada à chefia do reino já estava pronta: Davi, um corajoso combatente, a princípio em legendárias proezas e, depois, um hábil comandante. Dada à instabilidade mental do rei, a ruptura entre ele e Davi só podia levar à ruína de Saul, o mais frágil de caráter e o menos capaz politicamente.

Segundo alguns historiadores, a apresentação bíblica da pessoa de Saul não é histórica, mas foi transmitida nos moldes de uma tragédia literária ou de um romance histórico. O pouco que seria historicamente aceitável o mostra bastante diferente: um comandante que com poucas mas bem dirigidas operações militares conseguiu, primeiramente, repelir a ameaça amonita a leste, em seguida, libertar o planalto da ocupação filisteia e, depois, subjugar as populações inimigas autóctones. A derrota de seu exército e a morte que teve numa batalha nos limites do planalto assinalaram o fim de sua obra.

Parece pouco verossímil, do ponto de vista histórico, a tese apresentada no texto bíblico atual sobre a ascensão de Davi ao trono, segundo a qual Saul, um louco, um maníaco, vítima de depressão psicológica, dado a *raptus* homicidas e a outros comportamentos irracionais, pode continuar revestido da suprema magistratura do reino. Parece duvidoso o caráter original do relato que combina a ascensão de Davi ao trono com o declínio psíquico de Saul.

Davi partiu de Siceleg no Neguev e estabeleceu-se em Hebron, onde foi coroado rei. Mais tarde, manobrando com habilidade em meio a uma posição favorável que lhe permitia o seu relacionamento com os vencedores filisteus e a derrota militar do Norte, conseguiu sete anos e meio depois assumir a realeza também sobre o Israel do Norte. Os filisteus viam em Davi um vassalo (1Sm 27; 28,1-2; 29), que lhes possibilitaria exercer sua influência numa região contestada.

Com todos esses episódios foi composta mais tarde uma notável obra literária, que faz de Saul um herói trágico, destinado a cair porque representa o passado, e de Davi o homem em ascensão, porque representa o futuro. Jamais saberemos onde termina o relato histórico e onde começa sua transfiguração poética.